



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Letras e Artes
Faculdade de Letras

AMENIZANDO O *PÁTHOS*: A ADAPTAÇÃO DA LITERATURA GREGA PARA CRIANÇAS E
ADOLESCENTES, UM ESTUDO DE CASOS

Milena Velloso
(DRE - 118055191)

Monografia apresentada à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como quesito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Letras (Português-Literaturas)

Orientador: Prof. Doutor Henrique Cairus

UFRJ, primeiro semestre de 2022

Velloso, Milena Cordeiro da Silva.

Amenizando o *páthos*: a adaptação da literatura grega para crianças e adolescentes, um estudo de casos. / Milena Velloso Cordeiro da Silva - 2022.

36 f.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Fortuna Cairus.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 35-36

1. Adaptação literária; 2. Literatura Comparada; 3. Literatura Infantojuvenil.
I. VELLOSO/ Milena Cordeiro da Silva; II. Cairus, Henrique Fortuna (orient.)
III. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras; IV. Amenizando o *páthos*: a adaptação da literatura grega para crianças e adolescentes, um estudo de casos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e às forças maiores, em primeiro lugar, que guiaram minhas escolhas com amor e me auxiliaram em mais uma etapa da minha vida.

À minha família, em especial minha mãe, Valéria Velloso, e minha avó, Lily Cordeiro, que vibraram todas as minhas vitórias comigo desde o início e que me apoiaram, e apoiam, de todas as formas possíveis. Amo vocês.

Ao Proaera, o berço do meu primeiro contato com a Iniciação Científica, e, principalmente, ao meu orientador, Professor Dr. Henrique Cairus, que acolheu com zelo minhas ideias e me auxiliou no processo da pesquisa e do trabalho monográfico.

À Faculdade de Letras, que me recepcionou e mostrou mais formas de ressignificar as palavras “casa” e “família” ao longo dos quatro anos da minha graduação.

À Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, especialmente à equipe de comunicação, que esteve de braços abertos desde o início, me ouviu, leu, motivou, e ajudou a trilhar parte do meu caminho profissional.

À professora Marcia Damaso (*in memoriam*), com quem tive o prazer e a honra de compartilhar, entre árvores sintáticas, dedicação e carinho, os saberes da Linguística.

À querida Verinha, professora que cultivou meu amor por redação e literatura no Ensino Médio.

Aos meus amigos de curso André Luiz, Drica França, Daniel Andrade, Gustavo Nunes, Jã Pinheiro, Isabel Lessa, Luiza Carvalho, Marcela Gavinho, Maria Carolina, Natalia Vieira, Rebeca Marques e Sarah Motta; e aos amigos Arthur Caccavo, Kaique Nunes, Karen Carlson, Lucas Ferreira, Thiago Nascimento, Thomas Veloso e Vitória Carvalho por todo apoio, desde um abraço a uma conversa de ônibus no trajeto faculdade-casa. Obrigada.

Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além.

Paulo Leminski

SUMÁRIO

	página
1. INTRODUÇÃO	6
2. ADAPTAÇÃO E QUALIDADE NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA	8
2.1. Raízes da literatura infantojuvenil e o trabalho da adaptação literária	8
2.2. A formação do jovem leitor brasileiro	9
3. DESCOMPLEXO DE ÉDIPO: LEITURAS INFANTOJUVENIS DE CABECEIRA NO BRASIL DE NOSSOS TEMPOS	11
4. UMA ÉPICA MENOS BÉLICA AINDA É HEROICA?	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6. BIBLIOGRAFIA	35

1. INTRODUÇÃO

A investigação realizada aqui nesta Monografia surgiu do interesse no estudo e na análise dos possíveis abrandamentos das cenas patéticas nas adaptações de obras da Antiguidade Clássica, destinadas ao público infanto juvenil brasileiro. Tomei a tarefa de compreender de que forma, ou em que grau, as suavizações em cada adaptação comprometem o *páthos* (entendido a partir da *Poética* de Aristóteles), sentimentos fortes e avassaladores que são despertados ou alavancados pelos textos integrais.

Este texto, que redonda da pesquisa desenvolvida ao longo da Graduação, está dividido em três capítulos, além desta Introdução, a saber, “O descomplexo de Édipo: leituras infanto-juvenis de cabeceira no Brasil de nossos tempos”, referente ao texto *Édipo Rei*, de Sófocles, e “Uma épica menos bélica ainda é heroica?”, no que se refere à *Iliada*, de Homero e as considerações finais.

Visa-se aqui, portanto, a minuciar o fenômeno da adaptação das cenas patéticas nos dois gêneros literários da Grécia Antiga hoje mais ressoantes, a saber, a épica e o drama. Para o segundo, o *corpus* de análise é integrado pelas adaptações de *Édipo Rei*, seguramente a mais conhecida tragédia grega, e a *Iliada*, que, ao lado da *Odisseia*, integra o conjunto das épicas homéricas, modelo e referencial não só para toda a epopeia posterior, como também para grande parte da própria Literatura Ocidental.

Preliminarmente, fez-se necessário compreender o fenômeno intertextual compreendido como trabalho da adaptação. A Monografia tomou por sua base teórica principalmente as obras de Robert Darnton (1986), Linda Hutcheon (2006) e Ítalo Calvino (2001), pautando a necessidade da retomada do texto base e o manutenção da fidedignidade no trabalho do adaptador, especialmente em relação às obras literárias e para a recepção de um público de uma faixa etária específica.

O que moveu este trabalho monográfico foi o desejo de saber como lidar com os desafios imediatos que envolvem os sentimentos fortes e avassaladores das narrativas selecionadas (como, de acordo com Aristóteles, os *páthe*: o *éleos* (a compaixão), o *phóbos* (o pavor), a *orgé* (a ira) e sentimentos desse tipo). Tanto na tragédia quanto na épica, as cenas patéticas se fazem presentes nas passagens pinaculares, e, malgrado isso, parecem não encontrar sempre bom lugar na literatura infanto-juvenil.

No enredo sofocleano de *Édipo Rei*, a ruína do herói se baseia justamente nos episódios de parricídio, incesto e suicídio: em dados momentos, o homicídio contra seu pai, Laio, e as relações amorosas com sua mãe, Jocasta, que viria a se suicidar logo depois do reconhecimento pleno de Édipo, assumem lugares incontornáveis em todos os aspectos. As questões referentes à tradução, edição e fatores da crítica textual também abrem margem para a interpretação do que viria a ser considerado um destino fatalista.

Na épica homérica, as mesmas questões podem ser levantadas. O cenário bélico no qual a narrativa da *Iliada* se insere apresenta ao leitor raptos, inúmeras cenas de batalha minuciosamente descritas, a morte de Heitor por Aquiles, bem como o ultraje dos cadáveres, especialmente o do próprio antagonista, príncipe troiano. Inevitavelmente, a Monografia que aqui se inicia também traz à tona uma reflexão sobre o ofício do adaptador, ao buscar compreender de que forma foram suavizadas determinadas cenas e certos aspectos dos enredos, sem comprometer (ou comprometendo minimamente) o enredo expresso no texto original, construindo graus de abrandamento do *páthos*, quando preciso. Por último, considerando dados sociohistóricos da literatura grega e o contexto da literatura infantojuvenil na Europa por volta do século XVIII, a Monografia pretende, na esteira do autor, ilustrador e crítico Ricardo Azevedo, investigar como elementos incorporados às adaptações podem justificar e transformar a qualidade do que se entende por literatura infantojuvenil brasileira.

2. ADAPTAÇÃO E QUALIDADE NA LITERATURA INFANTO JUVENIL BRASILEIRA

2.1 Raízes da literatura infantojuvenil e o trabalho de adaptação literária

A literatura destinada à crianças e adolescentes tem início no século XVIII, através dos contos populares na Idade Média. Inicialmente, como salientado por Nelly Novaes Coelho (2000), a valorização do individualismo decorrente do ideal social burguês da época refletiu não somente nas práticas sociais, mas também na literatura. Um exemplo tomado pelas narrativas é a abordagem de personagens românticos e figuras heroicas padronizadas, como uma espécie de representação de poder sobre as minorias.

Consequentemente, já na época, as características desses enredos se adequaram a cada realidade social, geográfica e histórica em que se configuravam. Entre as linhas de Grimm, Perrault e Andersen é possível encontrar diferentes versões da mesma história, com o mesmo enredo e diferentes pedagogias, reproduzidas e adaptadas. No dizer do historiador Robert Darnton:

Essa afirmação pode parecer extravagante, mas estudos comparativos revelaram surpreendentes semelhanças em diferentes anotações do mesmo conto, mesmo tendo sido feitas em aldeias remotas, muito afastadas umas das outras e da circulação de livros. Num estudo do "Chapeuzinho Vermelho", por exemplo, Paul Delarue comparou trinta e cinco versões, registradas em toda uma vasta área da langue d'oïl. (DARNTON, 1986, p.31)

Na esteira de Robert Darnton, o significado atribuído ao ato de adaptar, produzir e replicar as narrativas em diferentes contextos se destacava também pela possibilidade de popularizar e apresentar discursivamente realidades. Ainda que essa ideia do autor esteja relacionada aos contos medievais, o traço de preocupação com a recepção da obra dentro do recorte social ao qual se insere já poderia ser considerado gérmen do que viria a ser parte do trabalho do adaptador contemporâneo. De acordo com Linda Hutcheon (2006), as adaptações artísticas podem ser vistas com dualidade: elas podem ser processo e produto. Quando vistas como processo, as adaptações literárias demandam um estudo que leve em consideração alguns fatores bem específicos, como contextos socioculturais e estéticos, tanto em relação à recepção quanto à produção de um texto, bem como, é claro, a faixa etária do público alvo ou

do leitor ideal. Se vistas como produto, elas exprimem uma ideia de canonicidade, uma vez que a adaptação dialoga abertamente com o cânone, podendo ser definida, também, como um gênero geralmente conservativo. Nesse aspecto, a perpetuação de uma obra adaptada contribui para que a transmissão do texto original também continue ocorrendo, desde que apresentada aos receptores com relativa fidelidade.

No panorama da literatura moderna – tendo em vista esse mesmo raciocínio – para Calvino (2001), o jovem leitor pode ter maior abertura à recepção de textos, especialmente os considerados clássicos, quando esses são adaptados. O fator da distração na leitura, aliada à não identificação com o enredo por parte da criança ou adolescente, compromete a leitura e também cria certa distância entre o texto e o receptor da obra.

2.2. A formação do jovem leitor brasileiro

A experiência da formação do leitor infantojuvenil brasileiro se dá, em grande parte, pelo empenho da escola em promover uma introdução aos livros, sejam didáticos ou paradidáticos. Também vale salientar que, ao passo que o termo “infantojuvenil” no espaço da literatura contempla uma diversidade de gêneros textuais e formas de transmissão, a forma de recepção das obras literárias como arte e crítica é dependente do trabalho específico do docente, fundamental para o primeiro passo para a construção do leitor iniciante. Regina Zilberman ensina, a esse propósito:

A atividade com a literatura infantil – e, por extensão, com todo o tipo de obra de arte ficcional – desemboca num exercício de hermenêutica, uma vez que é mister dar relevância ao processo de compreensão, complementar à recepção, na medida em que não apenas evidencia a captação de um sentido, mas as relações que existem entre essa significação e a situação atual e histórica do leitor. (ZILBERMAN, 1985, p.19)

A construção da identidade social do leitor através da literatura também pode ser considerada como um dos principais modos de aproveitamento da recepção de uma obra. A alteridade é um fator que aproxima as relações “leitor-texto” e permite o reconhecimento da criança, ou adolescente, como parte de um grupo civilizatório, uma cultura. De acordo com Nelly Novaes Coelho (2000):

É, portanto, de uma relação que se estabelece entre o eu e o outro (tudo que não seja o próprio eu) que nasce a consciência, e desta resulta o conhecimento. E, porque a consciência nos leva ao conhecimento, ela se nos impõe como fator essencial da obra literária. (COELHO, 2000, p. 46)

Para Azevedo (2006), como um dos pontos de análise da qualidade de uma obra infantojuvenil, a relação do Outro e a subjetividade ainda na relação “leitor-texto” mostram a possibilidade de inserção na realidade, mesmo em livros que podem ser definidos como contos de fadas, fantasiosos ou maravilhosos.

Da mesma forma, a inserção das narrativas trágicas e épicas na formação do leitor por meio das adaptações podem, e devem, encontrar caminhos para uma recepção cidadã e estruturante de subjetividades, desde que apresentada aos leitores com veracidade.

3. O DESCOMPLEXO DE ÉDIPO: LEITURAS INFANTOJUVENIS DE CABECEIRA NO BRASIL DE NOSSOS TEMPOS

O interesse que a tragédia *Édipo Rei* desperta desde sua apresentação primeira, no Teatro de Dioniso, foi notado e replicado por inúmeros autores. Da *Poética*, de Aristóteles, à *Interpretação dos Sonhos*, de Freud, esse texto se destacou tanto pela forma quanto pelo conteúdo, aqui inalienáveis mutuamente, e, vale lembrar, essa remanescência, a letra mesma, é apenas um dos aspectos da própria peça, que não foi feita senão para ser representada ou parte de uma performance.

Édipo Rei é um texto sofocleano com toda a complexidade inerente à tragédia, acrescida daquela que caracteriza a obra daquele tragediógrafo. Com a necessidade de uma aproximação do leitor infanto juvenil, e, sobretudo, de viabilizar o entendimento da obra por esse público, as adaptações se tornaram uma opção de popularização na recepção dessa leitura trágica, tanto pela estrutura em prosa, quanto por questões editoriais.

No recorte deste trabalho, foi utilizado como texto base de controle *Édipo Rei*, com tradução de Trajano Vieira (2020). Por texto base de controle, foi considerada uma tradução que, apesar de sua intenção de trazer a literariedade e a dramaticidade originais para a língua de chegada, pretende ser uma tradução, e não uma adaptação.

Uma tradução, sobretudo de um texto produzido para uma e numa realidade sócio-histórica tão diversa, traz em si muita adaptação, com maior ou menor grau de intervenção. Para Hutcheon (2002), a qualidade da leitura de uma obra adaptada, bem como sua recepção, é variável, e leva em consideração o contexto cultural ao qual o leitor se insere. Em suma, na tradução, a transposição idiomática é o mais importante; na adaptação, a adequação a uma recepção ideal específica.

Nesse aspecto, foi considerado que a adaptação diz respeito à adequação ao público de uma faixa etária diferente daquela a que se destinava a obra. O recorte contemplou três dessas adaptações.

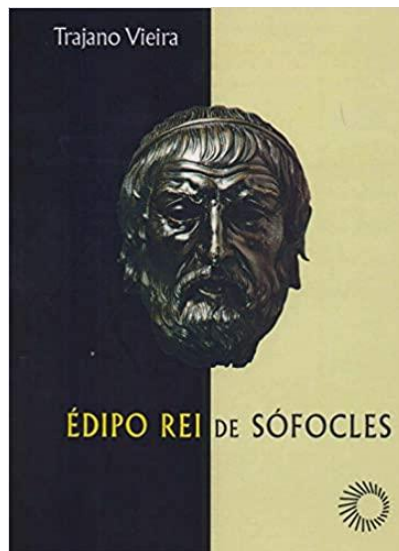
Quanto à tradução e à adaptação, na tabela a seguir, foi considerado o processo editorial do qual faz parte a tradução da obra adaptada em outra língua, como por exemplo na adaptação de Didier Lamaison, traduzida por Estela dos Santos Abreu, ou ainda a tradução simultânea à adaptação, tendo como base o texto integral em língua grega, como na edição de Cecília Casas. A seleção das edições adaptadas aqui apresentada neste trabalho foi feita de

acordo com o acesso às edições físicas de cada obra, cotejando-as com todas as adaptações encontradas de *Édipo Rei* publicadas até o ano de 2021.

Tabela 1: *Corpus de Édipo Rei*

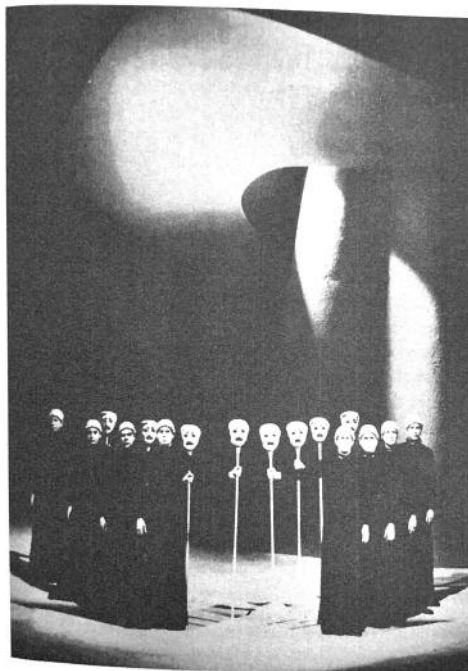
Obras →	Édipo Rei (tradução)	Édipo Rei (tradução e adaptação)	Édipo Rei (tradução e adaptação)	Édipo Rei (adaptação)
Tradução	Trajano Vieira	Estela dos Santos Abreu	Cecília Casas	Não Informado
Adaptação	-	Didier Lamaison	Cecília Casas	José Carlos Aragão
Apresentação ou prefácio	Sim	Não	Sim, apenas sobre Sófocles	Sim
Glossário	Não	Sim	Sim	Não
Faixa etária Indicada no volume	Não Informado	A partir dos 13 anos (especificado no site da editora)	A partir dos 13 anos (especificado no livro)	Não Informado
Editora	Perspectiva	Moderna	Scipione	Paulinas
Ilustrações	Sim	Não	Sim	Sim

A edição de *Édipo Rei* de Sófocles traduzida por Trajano Vieira foi tomada como controle por consistir em tradução consagrada que procura balancear o literário e o literal, traduzindo simultaneamente a forma e o conteúdo. Publicada pela editora Perspectiva, conta com prefácio e apresentação do crítico de teatro e editor Jacob Guinsburg. O volume contém ilustração na capa e algumas imagens de máscaras e performances no teatro grego no miolo do livro.

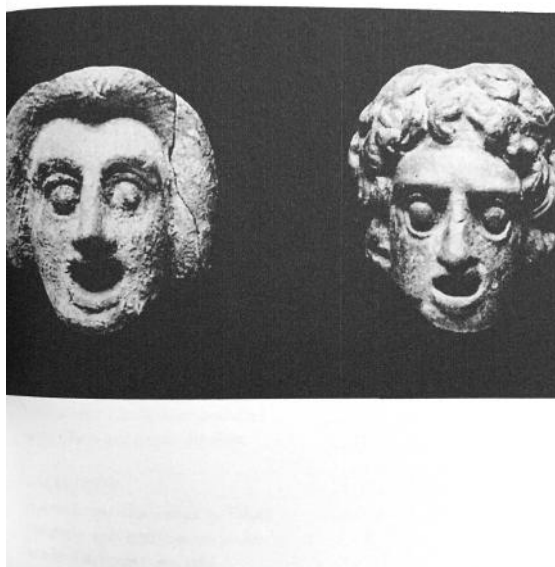


Capa da edição de *Édipo Rei*, tradução de Trajano Vieira

A seguir, podem ser vistas as respectivas imagens contidas no livro para a ilustração e contextualização das performances do teatro grego:



(p. 161)



(p. 28)

A primeira adaptação da tragédia grega aqui selecionada é fruto do trabalho do escritor francês Didier Lamaison, posteriormente traduzida por Estela dos Santos Abreu, publicada pela editora Moderna. Trata-se, portanto, de uma tradução de uma adaptação. A edição é indicada para jovens na faixa etária a partir dos 13 anos de idade, e, apesar dessa informação não estar especificada no livro, apenas ressaltando que trata-se de uma edição infantojuvenil, a idade recomendada consta no próprio website da editora. Ainda que contenha um glossário ao fim para melhor contextualização das personagens e dos locais apresentados no enredo, a edição não possui ilustrações, tanto na capa, quanto ao longo das páginas, nem apresentação, ou prefácio.



Capa da adaptação de Didier Lamaison, com tradução de Estela dos Santos Abreu

A edição divide o enredo em capítulos, com cronologia semelhante à edição base de Trajano Vieira. Preliminarmente, a história é apresentada por uma espécie de narrador, por utilização de verbos em primeira pessoa do plural. Outra estrutura interessante é a utilização de divisórias, asteriscos entre os parágrafos no que, ao meu ver, mostram cortes na história, possíveis mudanças de cenário caso a peça fosse encenada, de acordo com a imagem a seguir.

Adivinho maldito! Maldito adivinho! Ele não conseguia se defender. Tudo o que tentasse dizer ia se voltar contra ele. Sua inocência era culpada!

— Precisava de tempo. Tempo para se defender.
Anunciaram a chegada de Jocasta.
Creonte aproveitou e pediu permissão para retirar-se.
Édipo concedeu-a. A seu modo.
— Pois não, Creonte. E prepare a partida. Tebas tem necessidade de estanho.
Quanto desprezo no sorriso de despedida!
— Pode preparar sua defesa no mar.

As crianças brincavam.
Enquanto Orfeu, de costas, cantava três notas, as Eurídicés tinham o direito de avançar para o ponto de chegada. Mas, assim que Orfeu se virava, as Eurídicés se transformavam em estátua. Quem se mexesse voltaria para o Inferno.

— Para o Inferno, Polinices! — ordenou Etéocles, que representava Orfeu.

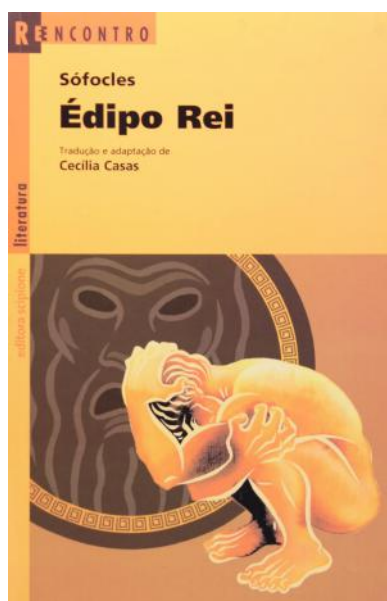
— Outra vez?
— Você se mexeu, não foi? Já para o Inferno!
Polinices voltou para o Inferno.

Mas o pequeno Hêmon era invencível nesse jogo. Ao contrário dos outros, ele economizava os movimentos. Um gato. O gato tomou o lugar de Etéocles.

— Agora, Orfeu sou eu!
O jogo continuou.

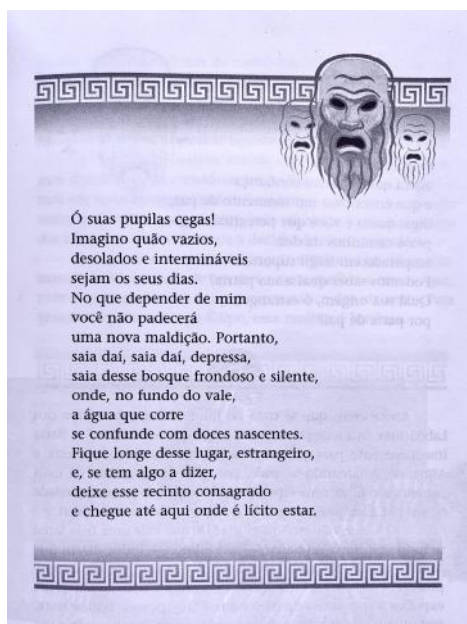
As Eurídicés avançavam, avançavam, nas costas de Hêmon... Ismena, a caçula de Édipo e Jocasta, tinha 4 anos e não parava quieta. Nem conseguia manter o equilíbrio. Hêmon fingia não perceber. Os outros, que gostavam de brincar, aceitavam. A briga estourou quan-

Em seguida, temos a edição traduzida e adaptada por Cecília Casas, publicada pela editora Scipione. A adaptação também é indicada para jovens na faixa etária a partir dos 13 anos de idade, e tem informação especificada no próprio livro. Ela conta com prefácio sobre Sófocles, glossário ao fim do livro (assim como na edição apresentada anteriormente, de Didier Lamaison) e ilustrações, tanto na capa quanto ao longo das páginas. O livro faz parte da série Reencontro, que tem por objetivo adaptar obras voltadas para alunos do sexto ano do fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio. Nessa mesma coleção, Cecília Casas também adaptou a tragédia sofocleana *Antígona*.

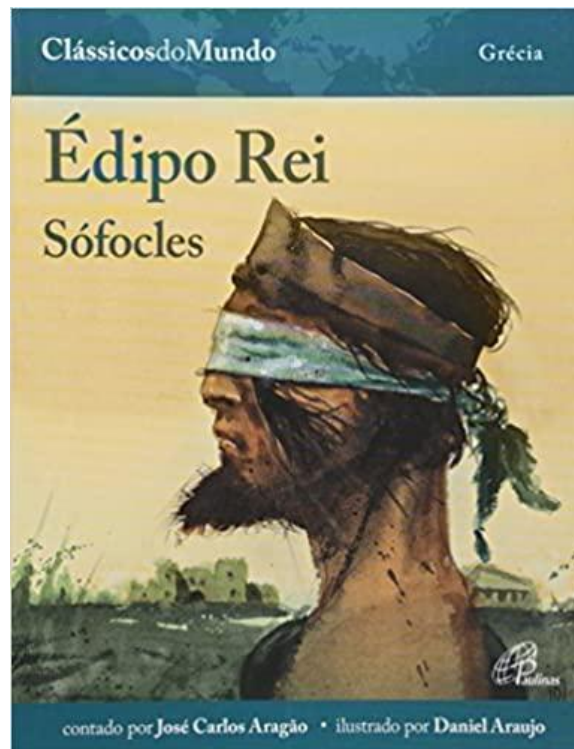


Capa da adaptação de *Édipo Rei*, por Cecília Casas

A edição, assim como na de Didier Lamaison, também apresenta ordem cronológica semelhante à de Trajano Vieira. A narração é feita em terceira pessoa, por um narrador observador. Algo interessante é a fidelidade ao coro, onde há até mesmo uma ilustração específica de máscaras a cada aparição, dividindo a prosa literária dos cantos, de acordo com a imagem a seguir:



Por fim, há a adaptação feita por José Carlos Aragão, publicada pela editora Paulinas. Apesar de não constar uma tradução, logo na capa pode ser notado o termo “contado”, no que se refere ao processo de adaptar a obra. O prefácio e o posfácio foram escritos pelo professor universitário e escritor José Arrabal, e o livro contém ilustrações aquareladas na capa e ao longo da edição, feitas por Daniel Araújo. A faixa etária também não é indicada, mas na primeira orelha do livro é explicitado que a coleção Clássicos do Mundo, a qual o livro faz parte, é responsável por publicar títulos para leitores jovens. A edição também não apresenta glossário.



Capa da adaptação de *Édipo Rei*, por José Carlos Aragão

A seguir, um exemplo de ilustração feita em aquarela por Daniel Araújo, que representa a cena patética da tragédia:



Ilustração de Daniel Araujo para a adaptação de José Carlos Aragão (p. 79)

Assim como na edição de Cecília Casas, aqui a história é contada em forma de narrador observador. Diferentemente de todas as edições aqui analisadas, José Carlos Aragão começa a cronologia por um pequeno capítulo de dez páginas, denominado “Em Colono I”, narrando o início da tragédia *Édipo em Colono*, peça sofocleana seguinte à de *Édipo Rei*. Tal estrutura pode ter sido tomada como estratégia para instigar a curiosidade do leitor em saber como *Édipo Rei* teve determinado fim. Posteriormente, logo ao fim de *Édipo Rei* e antes do posfácio, temos o capítulo “Em Colono II”, com uma pequena continuação do primeiro capítulo do livro.

De acordo com o proposto pelo ilustrador e crítico Ricardo Azevedo (2005), este trabalho monográfico contemplou uma investigação sobre como os elementos incorporados às adaptações selecionadas podem justificar e transformar a qualidade do que se entende por literatura infantojuvenil brasileira.

Quanto à abordagem de temas humanos da vida concreta não idealizada, a tragédia sofocleana conceitua e intertextualiza alguns acontecimentos, tais como: a adoção de Édipo, que, mesmo por proteção de Jocasta à família por consequência do destino, pode retratar a realidade e criar uma sensação de identificação com o leitor; a representação da proposição dos valores sociais por meio da política, como o compromisso do rei Édipo com o povo e a sensação de pertencimento enquanto nação, como na valorização da busca pelo assassino de

Laio, pelo povo; e, por fim, a possibilidade de debate, formulação de opiniões e expressão de discentes no ambiente escolar por conta da proposição de uma leitura pelo docente.

Na formação da subjetividade, *Édipo Rei* sugere o trabalho com a oralidade, enredo rico e a possibilidade de encenação da peça através de atividades propostas; introduz à nova cultura e temporalidade, ofícios da sociedade grega e personagens mitológicas, como a esfinge; valoriza o culto aos deuses e ao oráculo, podendo fazer referência à religiões de prática no Brasil; e, quanto às adaptações, fluidez na narrativa em diferentes pessoas, abordando a visão de vários personagens, especificamente na edição adaptada por Didier Lamaison, e mantimento dos elementos da tragédia grega (como o coro e a mudança de cena), na adaptação de Cecília Casas.

Para a análise da acessibilidade de linguagem, a adaptação de Didier Lamaison, traduzida por Estela dos Santos Abreu, apresenta vasta gama de elementos na democratização da recepção linguística, como termos simplificados e linguagem mais informal. Em contrapartida, a adaptação de Cecília Casas é formulada com linguagem formal e uso de próclises, por exemplo; assim como na edição de Didier Lamaison, José Carlos Aragão de dota da linguagem considerada “pública”; a maior parte das edições também conta com glossário, seja no início ou ao fim da edição, fluidificando a leitura da tragédia.

Em suma, há o fator de ilustração e a funcionalidade da composição imagética na obra. As edições adaptadas de Cecília Casas, José Carlos Aragão e até mesmo o texto-controle de Trajano Vieira apresentam ilustrações, estas, secundárias na obra. Pode-se inferir uma relação texto-imagem, já que as mesmas auxiliam o acompanhamento da narrativa e contam como suporte. Por outro lado, a edição de Didier Lamaison não apresenta ao leitor um projeto gráfico visual, na capa ou ao longo das páginas do livro. Esse fator faz com que a adaptação tenha recepção apenas texto-texto, sem grande objetividade didática semiótica para a formação crítica e exploração do imaginário do leitor.

No que se refere à cena patética das edições aqui utilizadas, foi estabelecida uma análise comparativa entre a edição base e as respectivas adaptações, de acordo com a tabela a seguir. Enquanto as edições de Trajano Vieira, Cecília Casas e José Carlos Aragão contam com uma narração feita por um narrador observador, a obra de Didier Lamaison é composta pela narradora personagem Antígona, com a visão do *páthos* trágico em primeira pessoa do singular.

Tabela 2: Cenas patéticas nas edições de *Édipo Rei*

Obra	Cena patética
<p>Tradução de Trajano Vieira</p>	<p>ARAUUTO: “(...) Ali, suspensa, a vimos, nossa rainha, Pela rosca da corda estrangulada. Urro brutal à frente, o rei desata O laço aéreo. A pobre então repousa E um espetáculo terrível se arma. Ele arrancou das vestes de Jocasta Os fechos de ouro com que se adornava, E, erguendo as mãos, o círculo dos olhos golpeou.” (VIEIRA, 2016, p. 101)</p>
<p>Adaptação de Didier Lamaison, tradução de Estela dos Santos Abreu</p>	<p>“Quando vi meu pai atravessar o pátio, senti muito medo. Nem parecia ele. Berrava. Chamava por minha mãe. Ia para os aposentos dela. Mas fui atrás dele. Tentou abrir as portas do quarto. Impossível. Começou a bater com a espada. Com toda força. Ele entrou. Achei que ele ia matá-la. Mas, só ouvi um grito horrível. E depois o silêncio. Cheguei mais perto. Bem devagar. E aí... Vi... Os soluços interromperam o relato que Antígona fazia a Creonte. Ao dar com a cena da mãe enforcada e o pai caído aos seus pés, a menina correu para a casa do tio.” (LAMAISON, 2019, p. 90-91)</p>
<p>Adaptação de Cecília Casas</p>	<p>“Édipo, desatinado, ora clamando por uma espada ora chamando por Jocasta, a esposa que já não era apenas sua esposa, mas sim, mãe - duplamente mãe -, sua e dos filhos que tiveram juntos, irrompeu pela câmara da rainha e deparou com ela, enforcada. Um grito atroz lhe atravessou a garganta, e, querendo infligir a si mesmo um castigo cruel, depois de soltar o nó corredio, arrancou os alfinetes</p>

	de ouro das vestes da rainha e furou os olhos, de onde escorreu pela barba uma chuva negra de sangue.” (CASAS, 2002, p. 29)
Adaptação de José Carlos Aragão	“Em seguida, Édipo surgiu correndo, vindo de fora do palácio, também aos gritos, também enlouquecido. Clamava por uma espada e perguntava pela rainha, “o maldito útero que o pariu e também pariu seus filhos”. Guiado por um instinto brutal, arremeteu-se contra a porta do quarto arrancando-a com violência pelos gonzo. Ao entrar, uma cena aterradora: o corpo de Jocasta, morta, balançava pendurado por uma corda. Édipo deixou escapar um rouco gemido de dor, diante do que via. Teve forças ainda para folgar o nó do pescoço de Jocasta e deitar o corpo sobre o chão. O que se seguiu depois foi um espetáculo de horror: Édipo arrancou os colchetes de ouro presos à roupa da rainha, ergueu-os no ar e cravou-os repetidas vezes contra os próprios olhos.” (ARAGÃO, 2014, p. 155-156)

A partir da leitura das cenas patéticas apresentadas na tabela acima, em cada edição, pode-se inferir algumas aproximações entre os textos. A ordem cronológica da narração é um fator em comum às obras selecionadas, bem como a aproximação das adaptações ao texto base de controle. Em contrapartida, também podem ser observadas particularidades em cada adaptação, especialmente no texto de Didier Lamaison, que conta com uma narradora personagem, Antígona, que, nas outras edições, não presencia a ocorrência do *páthos* trágico.

4. UMA ÉPICA MENOS BÉLICA AINDA É HEROICA?

Marco da literatura antiga ocidental, a *Iliada* é um dos dois poemas homéricos reconhecidos como epopeias exemplares. O *kléos*, a glória, é o motor do poema épico, definindo o lugar do humano perante a guerra e a sociedade grega.

Durante a coleta do *corpus*, foram identificadas, no total, doze adaptações da *Iliada* para o público infante juvenil brasileiro. Oito delas vazadas em prosa, de acordo com a tabela a seguir:

Tabela 3: adaptações em prosa narrativa da *Iliada*

Obras	Iliada (tradução e adaptação)	Iliada (tradução e adaptação)	Iliada (tradução e adaptação)	Iliada (tradução e adaptação)	Iliada (tradução e adaptação)	Iliada (tradução e adaptação)	Iliada (tradução e adaptação)	Iliada (tradução e adaptação)
Tradução	Gilberto Domingos do Nascimento	Não Informado	-	Frederico Lourenço	-	-	-	-
Adaptação	Diana Stewart	Ruth Rocha	Leonardo Chianca	Frederico Lourenço	Edy Lima	José Angeli	Bruno Berlendis	Luis Galdino
Apresentação ou prefácio	-	não	-	-	-	-	-	-
Glossário	-	sim	-	-	-	-	-	-
Faixa etária Indicada no volume	-	10 a 13 anos (site da autora)	9 a 12 anos (Amazon)	12 a 15 anos (Distribuidora de livros arco íris DF)	-	11 a 12 anos (Mercado Livre)	-	-
Editora	Melhoramentos	Salamandra	Scipione	Claro Enigma	Companhia Editora Nacional	Scipione (coleção Reencontro)	Berlendis & Vertecchia	Escala
Ilustrações	Sim	Sim	Sim	Sim	-	Sim	-	-

E outras quatro adaptações com estrutura de história em quadrinhos, de acordo com a tabela:

Tabela 4: *Iliada* adaptada em quadrinhos

Obras	<i>Iliada</i> (tradução e adaptação)	<i>Iliada</i> (tradução e adaptação)	<i>Iliada</i> (tradução e adaptação)	<i>Iliada</i> e <i>Odisseia</i> (tradução e adaptação)
Tradução	-	-	-	-
Adaptação	Walter Vetillo	Diego Agrimbau	Tereza Virginia Ribeiro Barbosa, Andreza Caetano, Paulo Corrêa	Marcia Williams
Apresentação ou prefácio	-	-	-	-
Glossário	-	-	-	-
Faixa etária Indicada no volume	12 anos e acima (Amazon)	12 anos e acima (site de venda Ponto Literário)	-	10 a 11 anos (site de venda Palavras Abertas)
Editora	Cortez	Principis	Editora Rhj	Ática
Ilustrações	Sim	Sim	Sim	Sim

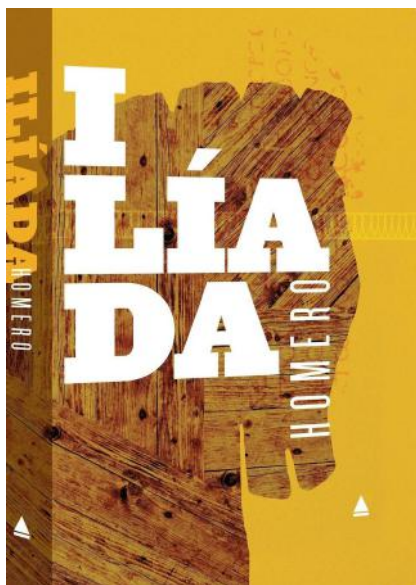
O recorte estabelecido para o presente estudo das adaptações foi o contemplado pela tabela a seguir:

Tabela 5: *corpus* selecionado para a etapa do trabalho monográfico

Obras	Íliada (tradução e adaptação)	Íliada (tradução e adaptação)	Íliada (tradução e adaptação)
Tradução	Carlos Alberto Nunes	Frederico Lourenço	Não Informado
Adaptação	-	Frederico Lourenço	Ruth Rocha
Apresentação ou prefácio	Sim	Não	Não
Glossário	Sim	Não	Sim
Faixa etária Indicada no volume	Não	12 a 15 anos (Distribuidora de livros arco íris DF)	10 a 13 anos
Editora	Nova Fronteira	Claro Enigma	Salamandra
Ilustrações	Não	Sim	Sim
Páginas	550	224	134

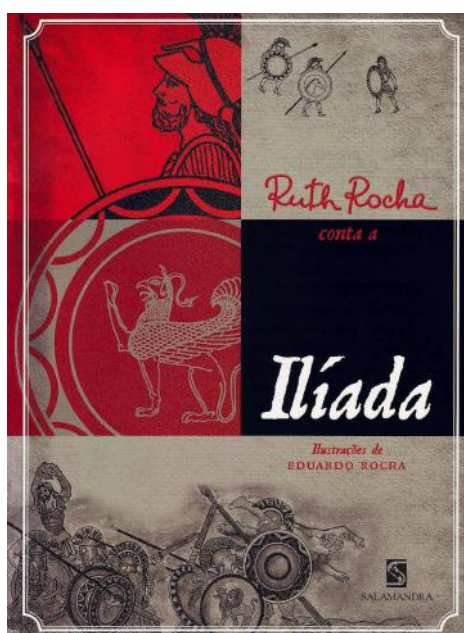
A escolha das adaptações foi feita com base nas quais tive acesso em formato físico (ou seja, não digital), e, também, que fossem dirigidos a uma faixa etária de dez a quinze anos, idades de leitura indicadas para as obras, seja pela editora ou pelas plataformas de venda dos livros.

Para o texto base de controle, foi utilizada a edição traduzida por Carlos Alberto Nunes, publicada pela editora Nova Fronteira, com introdução do próprio autor. Ao fim, pode ser visto um apêndice, com os principais nomes de personagens da épica e um breve resumo de suas respectivas aparições. A tradução de Carlos Alberto Nunes também conta com termos utilizados por Homero, não usuais na língua portuguesa. O projeto gráfico do volume não contempla ilustrações ao longo do livro, somente na capa.



Capa da tradução da *Ilíada*, de Carlos Alberto Nunes

A primeira adaptação da epopeia aqui apresentada, publicada pela editora Salamandra, é fruto do trabalho de Ruth Rocha. Apesar de não constar uma tradução, logo no título pode ser notado o verbo “contar”, em “Ruth Rocha conta a *Ilíada*”, no que se refere ao processo de adaptação da obra. A edição é indicada para jovens na faixa etária dos dez aos treze anos, conforme o indicado no próprio livro.



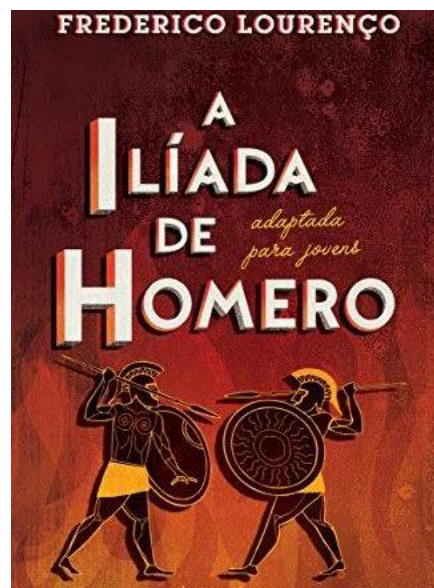
Capa da adaptação da *Ilíada*, por Ruth Rocha

A edição divide o enredo em cantos, assim como na edição base de Carlos Alberto Nunes, e cada página inicial desses cantos contém uma ilustração referente ao acontecimento principal narrado, como exemplificado na imagem a seguir:



Ilustração do início do Canto IV em Ruth Rocha (p. 34)

Em seguida, há a edição traduzida e adaptada por Frederico Lourenço, publicada pela editora Claro Enigma. A adaptação é indicada para jovens na faixa etária de doze a quinze anos de idade, com informação especificada em uma planilha de distribuidora de livros infantis para colégios.



Capa da adaptação da *Iliada*, por Frederico Lourenço

A edição de Frederico Lourenço (ele mesmo tradutor de Homero e de muitas outras obras legadas pela Grécia Antiga), diferentemente da de Ruth Rocha e Carlos Alberto Nunes, não conta com prefácio ou apresentação. Ela também não é contemplada com ilustrações ao longo do livro. No entanto, ao fim, o autor comenta brevemente a ideia do trabalho de adaptar a obra e contextualiza o enredo da *Iliada*.

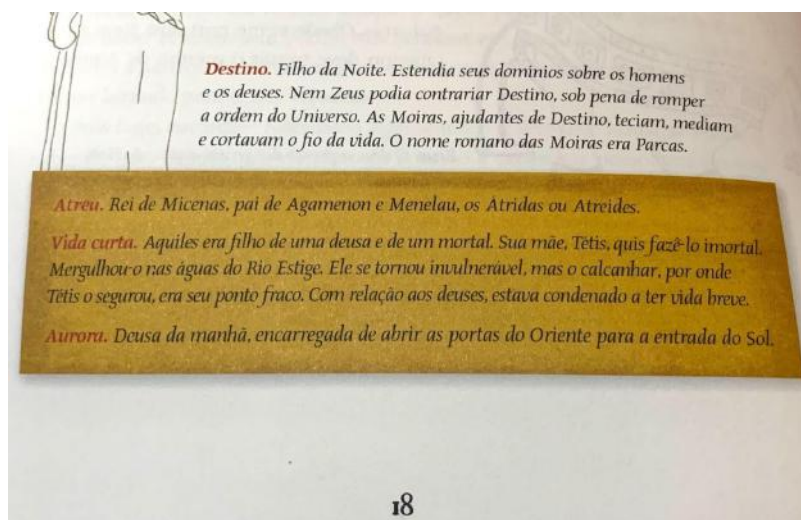
Retomando as quatro estratégias de análise da qualidade de uma obra infantojuvenil propostas por Ricardo Azevedo (2005), foram observados alguns pontos acerca da épica homérica.

No que diz respeito à abordagem de temas humanos da vida concreta não idealizada, a narrativa da *Iliada*, no geral, traz algumas peculiaridades: preliminarmente, a abordagem da morte e da guerra, ainda que de forma eufêmica por conta da adaptação dos autores, já que, dependendo do contexto social ao qual a criança ou o jovem se insere, a violência pode fazer parte do seu cotidiano, especialmente daquele dos residentes de áreas periféricas; em seguida, a representação da proposição dos valores sociais (relações políticas e hierárquicas), como o poder de Agamemnon, chefe do exército grego, que interfere na relação de Aquiles e Briseida, e a importância da valorização da luta pelo coletivo; e, por fim, a possibilidade de diálogo, discussão e expressão de emoções por parte dos alunos caso a leitura seja proposta em sala de aula.

Quanto a formação da subjetividade, a *Iliada* contém um discurso literário vivo, característico da épica (sobretudo da grega) e seu enredo; apresenta possibilidade de introdução a uma nova cultura e temporalidade (especialmente a relativa aos mitos gregos), que podem ser relacionadas inclusive à religiões praticadas no território brasileiro, como as de matrizes africanas; e, por fim, especificamente na edição adaptada por Ruth Rocha, há a manutenção dos Cantos gregos e da linguagem da epopeia, ainda que adaptada para uma leitura mais fluida da narrativa.

No que se diz respeito à acessibilidade de linguagem na edição de Frederico Lourenço, não caberia aqui comentá-la, já que exigiria o cotejo com a tradução que o mesmo autor fez da épica homérica. Por outro lado, na edição de Ruth Rocha há introdução ao contexto da guerra inicial da *Iliada*, como uma espécie de prólogo para melhor entendimento do Canto I; linguagem que pode ser considerada “pública”, não adulta ou infantil, tanto no léxico quanto nas perplexidades dos fluxos de consciência (construção do “nós”); e caixas de

vocabulário frequentes ao longo das páginas, contextualizando personagens (Deuses, ofícios da sociedade grega, etc.), como visto no exemplo a seguir:



Glossário na adaptação de Ruth Rocha (p. 18)

Por fim, enquanto Ruth Rocha produz uma relação dialógica texto-imagem, inclusive inserindo perspectivas geográficas, Frederico Lourenço constrói uma relação apenas texto-texto, dificultando, em partes, a formação crítica descritiva do leitor jovem muito acostumado com a visualidade presente especialmente na internet. A seguir, pode ser visto um mapa, também utilizado como sumário do livro, que corrobora para a formação da espacialidade do cenário narrativo:

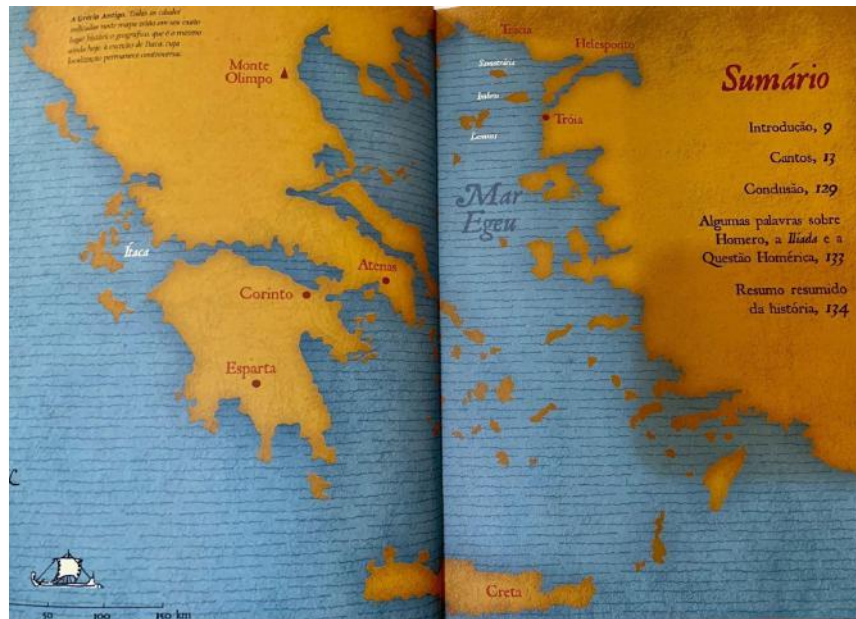


Ilustração de mapa e sumário da adaptação de Ruth Rocha (p. 7 - 8)

Quanto às questões abordadas anteriormente com base nos *pátthe* de Aristóteles, os sentimentos que, por vezes, não encontram bom lugar na literatura infanto juvenil, alguns aspectos também foram observados nas adaptações, sobretudo na descrição da cena da morte de Heitor por Aquiles, bem como no tratamento do corpo da personagem:

Tabela 6: Cenas patéticas nas edições da *Iliada*

Obra	Cena patética
<p>Tradução de Carlos Alberto Nunes</p>	<p>“A multidão atravessa, que junto dos muros se achava, e, debruçando-se no alto da torre, arrastado percebe diante dos muros paternos o esposo; os cavalos o levam, sem piedade nenhuma, no rumo das naus dos Aquivos. A esse espetác'lo cobriram-lhe os olhos as trevas da noite e, abandonando-a a consciência, caiu para trás sem sentidos. (...)</p> <p>As concunhadas a cercam e as belas irmãs do marido, que, cuidadosas, a amparam, julgando que a vida perdesse.” (NUNES,</p>

	2016, p. 477)
Adaptação de Ruth Rocha	<p>“A esposa de Heitor ainda não sabia de nada. Tecia em seus aposentos e ordenara às escravas que aquecessem água para o banho do marido quando ele voltasse.</p> <p>Ouviu-se então o clamor de vozes que vinha da torre. Um tremor sacudiu-a. A lançadeira cai de sua mão.</p> <p>Chama por duas mulheres e pede que a acompanhem, e se dirige à torre.</p> <p>Chega à muralha e vê o marido sendo arrastado diante da cidade.</p> <p>A noite ocupa sua mente, e ela cai, prostrada. As mulheres cercam-na. E, quando ela acorda, geme e chora. Lamenta-se pelo marido, pelo filho deixado órfão e por si mesma.</p> <p>E as troianas choram e em coro se lamentam.” (ROCHA, 2011, p.119)</p>
Adaptação de Frederico Lourenço	<p>“Perfurou atrás os tendões de ambos os pés do calcanhar ao tornozelo e atou-lhes correias de couro, prendendo-os depois ao carro. A cabeça deixou que se arrastasse. Depois que subiu no carro e lá colocou as armas gloriosas, chicoteou os cavalos, que não se recusaram a correr em frente. De Heitor ao ser arrastado se elevou a poeira, e dos dois lados os escuros cabelos se espalhavam; toda na poeira estava a cabeça que antes fora tão bela. (...)”</p> <p>“(…) Mas quando chegou à muralha e à multidão de homens, pôs-se depena muralha - e depois viu Heitor sendo arrastado diante da cidade. Cavalos velozes o arrastavam sem piedade para as naus. Sobre seus olhos desceu a escuridão da noite; caiu para trás e Desmaiou.” (LOURENÇO, 2016, p.191)</p>

A partir do caráter comparativo da tabela acima, pode ser considerada grande afinidade entre as edições apresentadas, especialmente por elementos como o narrador observador e a ordem cronológica na descrição da cena patética. A linguagem e o

detalhamento do enredo foram algumas das nuances que diferenciaram o trabalho de cada adaptador, levando-se em consideração a obra selecionada como base de controle.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todas as adaptações aqui analisadas, tanto na tragédia sofocleana *Édipo Rei*, quanto na épica homérica *Iliada*, é notada a fidelidade ao enredo mantida com relação aos textos adotados no estudo como textos-controle. Cada uma delas apresenta suas respectivas particularidades no modo de abrandamento textual na representação da cena patética, seja pela estratégia da descrição dos elementos, objetos utilizados na cena do *páthos*, ou das próprias ações dos personagens da tragédia e da épica.

No que diz respeito à qualidade das adaptações de acordo com o proposto por Azevedo (2005), algumas edições, especificadas anteriormente nos capítulos deste trabalho monográfico, se caracterizaram por maior completude na indicação de uma leitura voltada à crianças e adolescentes, levando em consideração as faixas etárias às quais estavam propostas.

Em *Édipo Rei*, o modo de narração diferenciou e destacou a ênfase da cena patética. A adaptação de Didier Lamaison, por exemplo, enfatiza um caráter considerado pessoal por conta da narração em primeira pessoa, diferentemente da impessoalidade construída em função do narrador observador. Os elementos descritivos se alinharam em cada edição, sem maiores modificações com relação ao texto-controle. As edições compostas por ilustrações também apresentaram certo grau de suavização em cada adaptação. Enquanto o ilustrador Daniel Araujo, responsável pelas ilustrações da obra de José Carlos Aragão, incorporou elementos com maior presença de sangue e cores ao longo do livro, a adaptação de Cecília Casas apenas ilustrou personagens em diferentes poses, em preto e branco, ou ainda máscaras do teatro grego.

Na análise da épica *Iliada*, as respectivas adaptações contemplaram a cena patética de formas diferentes. Enquanto a adaptação de Ruth Rocha se assemelha à edição de Carlos Alberto Nunes, com poucos detalhes, a adaptação de Frederico Lourenço especifica o estado do corpo de Heitor, bem como o processo do tratamento do morto ao ser arrastado pela cidade. Em nenhuma edição há utilização de ilustrações do *páthos*, mas a forma de construção detalhista da narrativa por Frederico Lourenço é de grande auxílio para um entendimento imagético das linhas que formam o enredo do poema épico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES; PEREIRA, Maria Helena da Rocha; VALENTE, Ana Maria. Poética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. *In*: OLIVEIRA, Ieda de. O que é qualidade em literatura infantil e juvenil. Com a palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005.

BAKOGIANNI, Anastasia. “O que há de tão ‘clássico’ na recepção dos clássicos? Teorias, metodologias e perspectivas futuras”. *Codex – Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2016, p. 114-131.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos?* Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa. Tradução de Sonia Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 1, 1994.

LOURENÇO, Frederico. A *Iliada* de Homero adaptada para jovens. Ilustrações de Richard de Luchi. São Paulo: Claro Enigma, 2016.

VIEIRA, Trajano. *Édipo rei* de Sófocles. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Adap. e Trad. Cecília Casas. São Paulo: Scipione, 2002. (Série Reencontro).

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Adap. Didier Lamaison, Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Moderna, 2019.

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Adap. José Carlos Aragão. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção Clássicos do Mundo).

HOMERO. *Iliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. (ed. especial) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

HUTCHEON, Linda. *A Theory of Adaptation*. New York: Routledge, 2006.

ROCHA, Ruth. *Ruth Rocha conta a Iliada*. Ilustrações de Eduardo Rocha. São Paulo:

Salamandra, 2011.

WELLEK, Rene & WARREN, Austin. “Natureza da literatura”. In: Teoria da literatura.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.